



REPS - Revista Even. Pedagógica.

Número Regular: Estudos Decoloniais

Sinop, v. 13, n. 3 (34. ed.), p. 838-859, ago./dez. 2022

ISSN 2236-3165

<https://periodicos.unemat.br/index.php/reps>

DOI: 10.30681/2236-3165

DIÁLOGOS DECOLONIAIS: a concepção do bem viver em universidades e faculdades interculturais indígenas

DECOLONIAL DIALOGUES: the conception of the good living in indigenous intercultural universities and colleges

Valéria dos Santos de Oliveiraⁱ
Liliane Cristine Schlemmer Alcântaraⁱⁱ
Flávio Bezerra Barrosⁱⁱⁱ

RESUMO

Vivências em cenários complexos como os que ocorrem no sistema capitalista vigente, instigam e demonstram a possibilidade de diálogos decoloniais, neste sentido o Bem Viver apresenta-se como alternativa ao desenvolvimento econômico, visto como sinônimo de crescimento e caminha para a convivência em harmonia com valorização e troca de saberes interculturais. Neste contexto, este artigo tem como objetivo analisar o campo semântico do Bem Viver associado a experiências práticas de políticas públicas de ações afirmativas interculturais indígenas em países da América Latina (Brasil, Bolívia e Equador), em contraposição à crise civilizatória. A metodologia é pautada na pesquisa qualitativa, exploratória/descritiva e na revisão teórica crítica (diálogos decoloniais, bem viver, ecoeducação, educação intercultural), com levantamento bibliográfico, documental e experiências. O aporte teórico baseou-se nos autores Ailton Krenak, Alberto Acosta, André Baniwa, Angélica Domingos *Ninhpryg*, Aníbal Quijano, Carlos Alberto Sampaio, **Carlos Walter** Porto-Gonçalves, Catherine Walsh, Eduardo Gudynas, Leonardo Boff, Liliane Schlemmer Alcântara, Pablo Solón, Serge Latouche e Walter Mignolo. Os resultados apontam para experiências expressivas de educação como a das Universidades e Faculdades interculturais indígenas que demonstram a possibilidade de aproximações, de imersões e desconstruções. Neste cenário, mostra-se possível o Estado pensar na atuação do Poder Público para a criação de mecanismos e políticas públicas inclusivas pautadas em perspectivas outras que valorizem as alteridades em suas especificidades e caminhe para um lugar mais justo, equitativo no viés contra hegemônico. A pesquisa pode contribuir para reflexões, diálogos, visibilidade e respeito aos povos originários e as comunidades tradicionais; a concepção do Bem Viver e outros diálogos decoloniais.

Palavras-chave: Ciências Sociais e Ambientais. Interdisciplinaridade. Saberes ancestrais. Interculturalidade. Decolonialidade.

ABSTRACT



Experiences in complex scenarios such as those that occur in the current capitalist system, instigate and demonstrate the possibilities of decolonial dialogues, in this sense the Good Living presents itself as an alternative to economic development, seen as synonymous with growth and moves towards coexistence in harmony with appreciation and exchange of intercultural knowledge. In this context, this article aims to analyze the semantic field of the Good Living associated with practical experiences of public policies of indigenous intercultural affirmative action in Latin American countries (Brazil, Bolivia and Ecuador), in opposition to the crisis of civilization. The methodology is based on qualitative, exploratory/descriptive research and critical theory review (decolonial dialogues, good living, ecoeducation, intercultural education), with bibliographic and documental surveys and experiences. The theoretical contribution was based on the authors Ailton Krenak, Alberto Acosta, André Baniwa, Angélica Domingos Ninhpryg, Aníbal Quijano, Carlos Alberto Sampaio, Carlos Walter Porto-Gonçalves, Catherine Walsh, Eduardo Gudynas, Leonardo Boff, Liliâne Schlemer Alcântara, Pablo Solón, Serge Latouche and Walter Mignolo. The results point to expressive educational experiences such as the intercultural indigenous Universities and Colleges that demonstrate the possibility of approximations, of immersions and deconstructions. In this scenario, it is possible for the State to think about the actions of the Public Power for the creation of mechanisms and inclusive public policies based on other perspectives that value the alterities in their specificities and move towards a fairer, more equitable place in a counter-hegemonic perspective. The research can contribute to reflections, dialogues, visibility and respect for original peoples and traditional communities; the concept of Good Living and other decolonial dialogues.

Keywords: Social and Environmental Sciences. Interdisciplinarity. Ancestral knowledge. Interculturality. Decoloniality.

1 INTRODUÇÃO

A sabedoria ancestral e os modos de vida dos povos originários e comunidades tradicionais, advindas de suas tradições, culturas, valorização e manejo dos seus territórios, das vivências em comunidade e em harmonia com o meio, nos proporciona um frutífero diálogo de saberes interculturais e decoloniais na perspectiva do Bem Viver (B.V).

O Bem Viver é estar em contínua harmonia com o Todo, ou seja, com a *Pacha Mama* (Mãe Terra) ou *Madre Tierra*, com solidariedade entre todos (BOFF, 2015). O “Bem-Viver” traz em seu bojo um conjunto de ideias que vem como reação e alternativa aos conceitos convencionais de desenvolvimento (GUDYNAS, 2011). Pontuando e considerando ainda que o B.V é um conceito/perspectiva/filosofia em construção, especialmente no meio acadêmico.

O Bem Viver ancora a possibilidade de compreendê-lo como uma alternativa ao desenvolvimento econômico, visto como sinônimo de crescimento econômico a todo e a qualquer custo, considerando ainda que o sistema capitalista muitas vezes se apropria de maneira equivocada dessa concepção, utilizando-o como maior qualidade de vida e o aplicando a bens materiais ou “viver melhor” dentro do capitalismo (ACOSTA, 2016). Portanto, a perspectiva do Bem Viver como proposta decolonial será dialogada, analisada, refletida na vertente da convivência em harmonia, dos direitos da natureza, da sustentabilidade, da coletividade, das trocas de saberes interculturais, com base na contextualização de diversos autores (ACOSTA 2016, ALCÂNTARA; SAMPAIO, 2017a, 2017b, 2018, 2020, BANIWA, 2019; BOFF; 2013, 2015; GUDYNAS, 2011, HIDALGO-CAPITÁN, 2012; HIDALGO-CAPITÁN; CUBILLO-GUEVARA, 2017, KRENAK; 2019, 2020; DOMINGOS, A./NINHPRYG, 2017, SOLÓN, 2019).

Todavia, vale destacar que as marcas deixadas pela colonização são profundas e com inúmeros resquícios, atravessadas por sentimentos de dominação, opressão, desrespeito para com povos originários e comunidades tradicionais, que sofreram impactos em seus territórios desencadeando grandes perdas e gerando sofrimento e desdobramentos, dessa maneira necessário o diálogo decolonial (ALCÂNTARA; SAMPAIO, 2017; BANIWA, 2019; KRENAK, 2019, 2020; DOMINGOS, A./NINHPRYG, 2017; PORTO-GONÇALVES, 2015; QUIJANO, 2005; SOLÓN, 2019, WALSH, 2009, 2013, 2019). A colonialidade e o eurocentrismo impostos são excludentes e destrutivos “na América Latina o fim do colonialismo não significou o fim da colonialidade” e “a modernidade capitalista nos habita ainda que marcada pela colonialidade” (QUIJANO apud PORTO-GONÇALVES, 2015, p.4), é como se tivesse uma casta e quem não faz parte dela, está fora são a sub-humanidade, não se trata só de povos originários e comunidades tradicionais, mas sim toda a vida que ficou deixada à margem (KRENAK, 2020).

Contudo questiona-se: é possível articular e encontrar experiências decoloniais de Bem Viver ligadas a práticas de políticas públicas educacionais em faculdades e universidades? Neste contexto, este artigo tem como objetivo analisar o campo semântico do Bem Viver associadas a experiências práticas de políticas públicas de ações afirmativas interculturais indígenas em países da América Latina, apresentando experiências educacionais de nível superior.

A metodologia ancorou-se na pesquisa qualitativa de cunho exploratório/descritivo, com levantamento bibliográfico e documental, na perspectiva crítica decolonial, da pesquisa social e da abordagem interdisciplinar. Trata-se de uma pesquisa de Doutorado, sem financiamento. Metodologicamente procura evidenciar por meio de revisão teórica crítica (diálogos decoloniais, bem viver, ecoeducação, educação intercultural e apresentação de experiências de países da América Latina (Brasil, Bolívia e Equador).

Dessa forma serão apresentadas as experiências expressivas de educação das Universidades e Faculdades interculturais indígenas (*Pluriversidad Amawtay Wasi - Equador, Universidad Aymara – Bolívia, Universidad Indígena Boliviana Comunitaria Intercultural Productiva Quechua – Bolívia, Universidad Indígena Boliviana Comunitaria Intercultural Productiva Guaraní y Pueblos de Tierras Bajas “Apiaguaiki Tüpa” – Bolívia, Faculdade Indígena Intercultural - FAINDI/Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT) – Brasil, Faculdade Intercultural Indígena – FAIND/Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) – Mato Grosso do Sul – Brasil e Universidade Paiter a Soeixawe – Brasil*)

No primeiro momento apresenta-se a introdução, em seguida os diálogos decoloniais e interculturais; o Bem Viver, no segundo, as experiências de Bem Viver associadas a políticas públicas e práticas de ações afirmativas: as Universidades e Faculdades interculturais indígenas (conforme destacadas acima), em seguida a metodologia, e por fim as considerações e referências.

2 DIÁLOGOS DECOLONIAIS E INTERCULTURAIS

Com essa compreensão e refletindo sobre pluralidade, identidades, pertencimentos pensados na especificidade de diferentes raízes e tradições, se constrói mudanças de rumo e combates ao sistema perverso posto (capitalismo, mercado reducionista, produtivismo, industrialização, extrativismo, degradação ambiental, crescimento ilimitado e globalização neoliberal, etc) ou seja, “o pós-desenvolvimento é, por natureza, plural. Cada sociedade, cada cultura deve fugir, à sua maneira, do totalitarismo produtivista e recriar uma identidade baseada na especificidade de suas raízes e de suas tradições” (LATOUCHE, 2010, p.227).

Os Baniwa (2019, p.15) discorrem que “os colonizadores são pessoas não indígenas; eles criaram instituições para eles mesmo dirigirem [...] Eles criaram um mecanismo para quebrar e destruir sistemas milenares indígenas no Brasil”. Destruição, apagamentos, falta de respeito, dominação destruição, exploração de povos originários são resquícios da colonização, superioridade do colonizador dessa forma Quijano (2005, p. 134) descreve “as respectivas sociedades, baseadas na dominação colonial de índios, negros e mestiços, não poderiam tampouco ser consideradas nacionais, e muito menos democráticas”. Neste sentido:

Os dominadores coloniais de cada um desses mundos não tinham as condições, nem provavelmente o interesse, de homogeneizar as formas básicas de existência social de todas as populações de seus domínios. Por outro lado, o atual, o que começou a formar-se com a América, tem em comum três elementos centrais que afetam a vida cotidiana da totalidade da população mundial: a colonialidade do poder, o capitalismo e o eurocentrismo (QUIJANO, 2005, p.123)

Destacando que a “colonialidade”¹ é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Funda-se na imposição de uma classificação racial e ética da população (QUIJANO, 2000 apud Alcântara; Sampaio (2017a, p.7) e que descolonizar nosso imaginário, implica imaginar outra maneira de viver, que permita uma certa qualidade de vida e, uma maneira de relacionamento com a natureza, respeitando a biodiversidade (WALSH, 2009). Dessa forma, a interculturalidade é fundamental para esse diálogo, Walsh (2019, p.9) propõe a respeito:

Na América Latina, e particularmente no Equador, o conceito *Interculturalidade* assume significado relacionado a geopolíticas de lugar e espaço, desde a histórica e atual resistência dos indígenas e dos negros, até suas construções de um projeto social, cultural, político, ético e epistêmico orientado em direção à descolonialização e à transformação.

A filosofia do Bem Viver na proposta decolonial dessa pesquisa desdobra-se na vertente da convivência em harmonia, dos direitos da natureza, da sustentabilidade, da coletividade, das trocas de saberes interculturais (ALCÂNTARA; SAMPAIO, 2017a, 2017b, 2018, 2020, BANIWA, 2019; BOFF; 2013, 2015;

¹ Indica o padrão de relações que emerge no contexto da colonização europeia nas Américas e se constitui como modelo de poder moderno e permanente atravessando todos os aspectos da vida.

GUDYNAS, 2011, HIDALGO-CAPITÁN, 2012; HIDALGO-CAPITÁN; CUBILLO-GUEVARA, 2017, KRENAK; 2019, 2020; NINHPRYG, 2017, SOLÓN, 2019). Nas palavras de Krenak (2020, p.17) “o Bem Viver não é distribuição de riqueza. Bem Viver é abundância que a Terra proporciona como expressão mesmo da vida. A gente não precisa ficar buscando uma vantagem em relação a nada [...]” . Assim, como contextualizam Alcântara e Sampaio (2017b, p. 232),

[...] as últimas edições do Fórum Social Mundial sugerem discutir alternativas de um novo modelo civilizatório que tenha como base o Bem Viver, na tentativa de reconsiderar as relações com a natureza e que condena o consumo não responsável (CORAGGIO; LAVILLE, 2014). Indicadores, como Índice de Necessidades Básicas (In)Satisfeitas, Índices de Vulnerabilidade, Índice do Desenvolvimento Humano e outros, possuem limitação para se aferir o Bem Viver [...]

Na cosmovisão e perspectivas de Bem Viver dos povos indígenas é comunidades tradicionais é notório o movimento contra-hegemônico e as lutas travadas, como reivindica Domingos/Ninhpryg (2017, p. 27) da etnia Kaingang: “o Bem Viver Kaingang pode ser considerado um movimento contra-hegemônico, pois estes modos de vida, modos de existência, vão contra a ordem neoliberal competitiva, que viola os direitos humanos, que discrimina coletivos [...]”, a autora relata sobre a resistência, que os coletivos indígenas somam com outros movimentos sociais em várias frentes de lutas (desigualdade social, desrespeito e privações de direitos), combate a colonialidade.

No B.V existe uma luta contínua por descolonizar, como nos remete Sólon (2019), é dismantlar sistemas tanto políticos, econômicos, sociais, culturais e mentais que existem em imperar.

Dessa forma a temática do Bem Viver contribui, aproxima e dialoga com outras teorias que reforçam essa filosofia como a subalternidade (SPIVAK, 2010), liberdades substantivas (SEN, 2010), ecologia dos saberes (SANTOS, 2005, 2007), colonialidade, descolonização (QUIJANO, 1992; SANTOS, 2010), interculturalidade, intersubjetividade, decolonização² (WALSH, 2012, 2019), transcendência (BOFF,

² Suprimir la “s” es opción mía. No es promover un anglicismo. Por el contrario, pretende marcar una distinción con el significado en castellano del “des” y lo que puede ser entendido como un simple desarmar, deshacer o revertir de lo colonial. Es decir, a pasar de un momento colonial a un no colonial, como que fuera posible que sus patrones y huellas desistan en existir. Con este juego lingüístico, intento poner en evidencia que no existe un estado nulo de la colonialidad, sino posturas, posicionamientos,

2013; ALCÂNTARA; SAMPAIO 2020), entre outros. A partir, dessas problematizações e reflexões parte-se para a compreensão e aprofundamento de uma das alternativas sistêmicas e a que nos contempla – o Bem Viver.

2.1 O Bem Viver

O Bem Viver supõe uma profunda transformação na relação sociedade-natureza, pelas mesmas razões e no mesmo grau que exige mudanças nas relações étnicas e culturais de poder. Diz respeito ao que é relativo a uma população originária no território em que está inserido, em que habita e se apresenta também como uma oportunidade para construir coletivamente uma nova forma de vida (ACOSTA, 2016).

Para Gudynas e Acosta (2011, p. 103), o ‘Bem Viver’ se apresenta “como uma oportunidade para construir outra sociedade sustentada na convivência do ser humano em diversidade e harmonia com a natureza, a partir do reconhecimento dos valores culturais existentes em cada país e no mundo”.

Aborda a integração do ser humano e a natureza, prima pela vivência comunitária, respeitosa e harmoniosa com o meio ambiente, ligado na interação e prática que os Povos e Comunidades Tradicionais têm com o seu meio, a partir de uma ética da suficiência para toda a comunidade e não individualmente. Para Alcântara; Sampaio (2017b, p. 235), o BV “é entendido como um paradigma que compreende um espaço-temporal comum, no qual podem conviver distintas ontologias na construção de uma interculturalidade que aponte ‘alternativas ao desenvolvimento’”.

A filosofia do Bem Viver também é descrita por três correntes e distintos paradigmas culturais: (1) a indigenista e a pachamamista, (2) a socialista e estadista, e (3) a pós-desenvolvimentista e ecologista e paradigmas culturais (cosmovisão

horizontes y proyectos de resistir, transgredir, intervenir, in-surgir, crear e incidir. (WALSH, 2013, p. 24-25).

Suprimir o "s" é minha opção. Não é promover um anglicismo. Pelo contrário, pretende-se marcar uma distinção com o significado espanhol de "des" e o que pode ser entendido como um simples desarmar, desfazer ou reverter do colonial. É dizer, passar de um momento colonial para um não colonial, como se fosse possível que seus padrões e traços deixassem de existir. Com este jogo linguístico, tento deixar em evidência que não existe um estado nulo de colonialidade, mas sim posições, posicionamentos, horizontes e projetos de resistir, transgredir, intervir, in-surgir, criar e influenciar (WALSH, 2013, p. 24-25, **tradução nossa**).

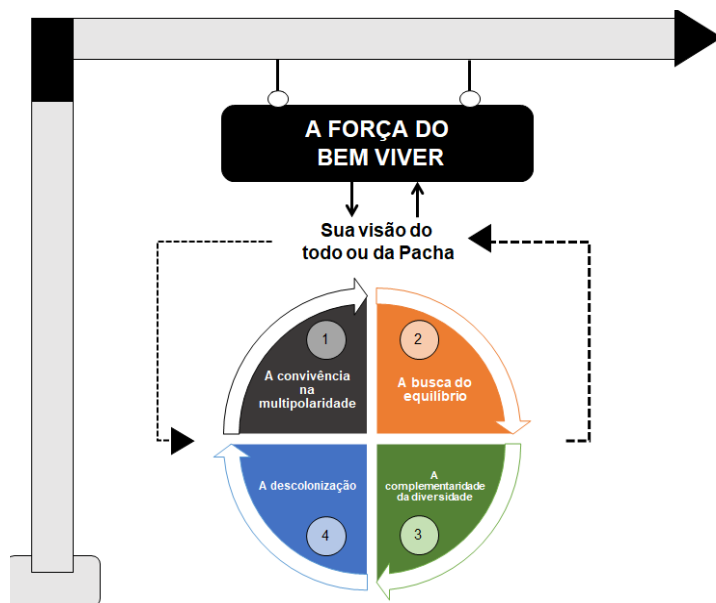
andina, modernismo e pós-modernismo) (HIDALGO-CAPITÁN, 2012; HIDALGO-CAPITÁN; CUBILLO-GUEVARA, 2017, ALCÂNTARA; SAMPAIO, 2017, 2019, 2020).

O Bem Viver encontra-se presente nas Constituições do Equador (2008) e da Bolívia (2009), considerando a plurinacionalidade e interculturalidade, no Equador *Constitución* (2008), *Plan Nacional Estratégico del Buen Vivir* de 2009-2013/2013-2017/2017-2021 e no da Bolívia (2009) *Nueva Constitución Política del Estado* e o *Plan del Desarrollo Económico y Social* do marco de desenvolvimento do Vivir Bien. No contexto acadêmico o conceito é considerado novo uma vez que surgiu a menos de uma década (HIDALGO-CAPITÁN, 2014; ALCÂNTARA, 2019).

Cabe destacar que a proposta ocidental de Bem Viver não tem a ver com a cosmovisão ameríndia, como explica Krenak (2020) e descreve “quando tiraram daquela cosmovisão uma ideia traduzindo para o Espanhol e a chamaram de Buen Vivir, depois, para o Português, como Bem Viver, a gente já fez tantas pontes, que nós nos aproximamos muito mais de uma coisa que é ocidental” (p. 8), muitas vezes o conceito se distancia das concepções originais, uma atenção pode ser dada para esses movimentos.

Várias são as alternativas sistêmicas, tais como Desenvolvimento à Escala Humana, Bem Viver, Desenvolvimento como Liberdade, Ecosocialismo, Economia solidária, Economia social, Decrescimento, Ecosocioeconomias, Ecofeminismo, Índice de Felicidade Bruta do Butão, Direitos da Mãe Terra, Comuns, entre outras que se apresentam ao modelo de desenvolvimento/crescimento em contraposição a crise civilizatória, Sólon (2019) propõe que a força do Bem Viver em comparação de outras alternativas, está nos elementos:

Figura 1 - A Força do Bem Viver



Fonte: Os autores adaptado de Sólon (2019)

Dessa forma a Força do Bem Viver demonstra uma visão abrangente da *Pacha Mama* (Mãe Terra) imbricada com a convivência na multipolaridade, na busca do equilíbrio, na descolonização e decolonização, na complementaridade da diversidade ainda e assim se relaciona a educação, saúde, a Felicidade, entre outros:

O Bem Viver “mais do que condição material, socioeducacional e de saúde, é estado particular de felicidade, no qual vigoram padrões culturais distintos. Não se nega abstrair a lógica econômica [...] mas releva territorialmente o bem comum e não é ela hegemônica ou mesmo determinante nos processos de produção e reprodução humana, dos quais resulta o sujeito esvaziado” (SAMPAIO et al, 2017, p. 41).

Como exposto por Gudynas (2011, p.81, tradução nossa) Bem Viver é o espaço de encontro de diferentes culturas, assim:

[...] não é um mero exercício multicultural ou de justaposição de culturas, mas é um encontro intercultural, entendendo-se que existe um plano de igualdade entre diferentes culturas, mas que, ao mesmo tempo, opera uma descolonização em admitir a superioridade dos saberes europeus.

Nesse diálogo é possível e aqui se torna necessário fazer um recorte para a educação e as questões que a permeiam, assim vale destacar a vertente da ecoeducação³. Para Boff (2013, p. 152) “[...] mais e mais se impõem entre os

³ Gutiérrez, F. propôs o termo “ecopedagogia” (anos noventa), visando promover um novo sentido para a perspectiva de uma educação para a cidadania planetária, a fim de estabelecermos uma cultura da

educadores ambientais esta perspectiva: educar para o *bem-viver*, que é a arte de viver em harmonia com a natureza e propor-se repartir equitativamente com os demais seres humanos os recursos da cultura e do desenvolvimento sustentável”.

Neste sentido, as políticas públicas de ações afirmativas, educação, equidade social, ampliam o escopo dos avanços das políticas e leis e destacam entre outros aspectos a conquista de lutas de diferentes movimentos sociais (negros, indígenas, quilombolas, entre outros), demonstram ainda as dificuldades, a transformação e os avanços ocorridos e oportunizam um diálogo profícuo com o Bem Viver. A figura 2 apresenta essa tríade das políticas públicas, das ações afirmativas e da educação circundando o Bem Viver e Equidade social:

Figura 2 – Educação, Políticas Públicas, Ações Afirmativas: Equidade e B.V



Fonte: Os autores, 2020.

Contudo, isso se desvela na educação intercultural e na apresentação de experiências de universidades e faculdades indígenas que tem em seu bojo a interculturalidade, a ação comunitária, a harmonia, a sustentabilidade, a vivência e valorização de seus territórios, a ancestralidade, a decolonização, etc.

sustentabilidade (Gadotti: 1999). A partir da leitura do texto e da reflexão de Sacristã (1991): “Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores” é que proponho está breve reflexão sobre o OIKOS do movimento EDUCERE que interfere na organização da ação religiosa, sobretudo nas escolas confessionais católicas (JUNQUEIRA, R. S, 2000, p.10).

2.2 Experiências de Bem Viver associadas a políticas públicas e práticas de ações afirmativas: as Universidades e Faculdades interculturais indígenas

A educação intercultural abre inúmeras frentes de aproximações, reflexões e diálogos de saberes, nas palavras de Walsh (2009, p. 1) “a educação intercultural, em si, somente terá significado, impacto e valor quando for assumida de maneira crítica, como ato pedagógico-político que procura intervir na refundação da sociedade”.

É notória a preocupação e a importância do território, pauta forte de lutas e reivindicações, os territórios são espaços necessários à reprodução cultural, política, social e econômica, e têm sua força simbólica em toda essa trama, assim é evidente que os povos e comunidades atuam no sentido da proteção de seus territórios (OLIVEIRA, *et al.*, 2022). Destarte, “para construir o Bem Viver devemos descolonizar nossos territórios e nosso ser. A descolonização do território implica a autogestão e auto determinação em todos os níveis” (SÓLON, 2019, p. 32).

No que tange a educação é pertinente compreender os vários processos educacionais e os vários elementos que a compõe e o significado para cada povo indígena, um panorama a ser estudado e aprofundado, no entanto aqui descreve-se um exemplo relatado pelo povo Baniwa (as escolas nas comunidades do rio Içana) que explica tanto da educação religiosa (de pastores e irmãs salesianas) que foi implantada, como da falta de apoio no início dos anos 80 do Estado Brasileiro que era ausente nas questões educacionais. Em 1992 ocorreram movimentos e articulações para mudanças na educação escolar, para que não ficassem na mão de religiosos e o município que era responsável para atender as demandas e expectativas da comunidade (BANIWA, 2019)

Como um dos elementos imbricados neste contexto temos a língua e relatam que cada escola passou a ter professores falantes da língua Baniwa/Koripako, o que trouxe mudança positiva na educação escolar daquela região: “ter um professor falante da mesma língua do aluno valorizava a língua e permitia, aos alunos, uma aprendizagem mais eficiente, além de uma convivência que possibilitava a partilha da mesma cultura e valores [...] não era o suficiente”, porém um avanço (BANIWA, 2019, p.22).

É possível levantar e evidenciar através de estudos os movimentos que alguns povos indígenas fazem no sentido da busca pela educação; de entendimento e atuação, quando necessário, na sociedade capitalista e nas trocas com os atores sociais que a premeiam, caminhando na luta por direitos, na busca do Bem Viver na especificidade de cada etnia. À vista disto “as comunidades e lideranças entendiam que precisavam se apropriar da educação escolar, para que tivessem um melhor entendimento da sociedade nacional e, assim, pudessem reivindicar seus direitos e criar novas possibilidades para o bem viver Baniwa” (BANIWA, 2019, p.23).

Dessa forma, algumas experiências expressivas são apresentadas: as políticas públicas de ações afirmativas e práticas educacionais de Universidades e Faculdades indígenas interculturais com propostas ancoradas nos princípios do Bem Viver já mencionados ao longo do artigo, conforme descrito no Quadro:

Quadro 1 – Experiências de Universidades e Faculdades Indígenas

País	Experiência	Descrição
Equador	Pluriversidad Amawtay Wasi	É uma proposta de Educação Original Intercultural e Comunitária da epistemologia do Movimento Indígena do Equador para todas as sociedades. Sua <i>missão (Minka)</i> é contribuir para a formação de talentos humanos práticos reflexivos, que priorizem uma relação harmoniosa entre a Mãe Natureza/Cosmo e o ser humano, tendo como base a boa convivência como fundamento para a construção do Estado plurinacional e da sociedade intercultural. O sonho, a visão da instituição é nos próximos anos, a Pluriversidade Amawtay Wasi liderará a tarefa de recuperar e revitalizar o Paradigma Educacional Abya Yala e a prática do diálogo intercivilizacional de saberes e ações com equidade epistêmica. Instituição privada ⁴
Bolívia	Universidad Aymara	A universidade Aymara chamada "Tupac Katari" criada em 2018 tem sede no município de Warisata, na província de Omasuyos, no departamento de La Paz. Nomeada em referência ao líder indígena da rebelião do século 18, a universidade foi criada pelo governo boliviano como forma de fomentar os conhecimentos tradicionais e de proporcionar oportunidades de estudo para áreas que podem ajudar no desenvolvimento das comunidades rurais dos estudantes. Os cursos são de Agronomia Altiplânica, Indústrias Alimentares Engenharia de alimentos), Têxteis (Engenharia de confecção), Ciências veterinárias (Medicina Veterinária e Zootecnia). ⁵

⁴ Fonte: <https://amawtaywasi.org>

⁵ Fonte: <https://www.servindi.org/node/43326>; <https://pt.globalvoices.org/2015/06/16/estudantes-raizes-comunidades-nativas-universidade-boliviana-de-indigenas-aymara/>

Bolívia	Universidad Indígena Boliviana Comunitaria Intercultural Productiva Quechua	A universidade indígena chamada de "Casimiro Huanca", sediada no município de Chimoré na província de Carrasco de Cochabamba formará futuros profissionais na língua quíchua. Sua missão é formar de forma integral homens e mulheres, com conhecimentos científicos, tecnológicos e ancestrais, desenvolvendo processos de pesquisa para solucionar problemas de produção, transformação e diversificação da base produtiva nacional, gerando capacidades na elaboração e preparação de empreendimentos produtivos sociocomunitários com foco intercultural e multilíngue. As carreiras são Indústria de Alimentos, Silvicultura e Piscicultura e Pós-graduação. ⁶
Bolívia	Universidad Indígena Boliviana Comunitaria Intercultural Productiva Guaraní y Pueblos de Tierras Bajas "Apiaguaiki Túpa"	A Universidade tem sua sede na comunidade Curuyuqui da província Luis Calvo do departamento de Chuquisaca. Foi criada pelo senhor Evo Morales Ayma, Presidente do Estado Plurinacional da Bolívia mediante o Decreto Supremo nº 29664 de 2 de agosto de 2008. É uma instituição educativa de formação superior, humanística, comunitária e produtiva, com pertinência e qualidade na formação profissional, vanguarda na transformação do caráter colonial do Estado e do Ensino Superior, que concretiza o diálogo de saberes e conhecimentos das nações indígenas com os ocidentais em função do desenvolvimento econômico e sociopolítico do Estado Plurinacional. Sua missão é formar profissionais idôneos; com alto nível de preparação técnica científica, produtiva, comunitária; de caráter intracultural, intercultural e plurilíngue, para que respondam com qualidade e pertinência às demandas de desenvolvimento social, político e produtivo das Nações e Povos Indígenas das Terras Baixas. Cursos de Engenharia de Ecopiscicultura, Engenharia Floresta, Engenharia de Petróleo e Gás Natural e Medicina Veterinária e Zootecnia, Pós-graduação, Cursos Preparatórios, Institutos de Pesquisa. ⁷
Brasil	Faculdade Indígena Intercultural - FAINDI/Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT)	A Faculdade Indígena Intercultural se localiza em Barra do Bugres/MT tem por objetivo a execução dos Cursos de Licenciaturas Plenas e de Bacharelado, com vistas à formação em serviço e continuada de professores e profissionais indígenas; abertura de vagas nos cursos regulares de Pós-Graduação; cursos de formação continuada, acompanhamento de acadêmicos indígenas nos cursos de graduação e administração do Museu Indígena a ser implantado. Tem experiência com a formação de professores indígenas e tem primado pela oferta de cursos com articulação entre movimento indígena, discussões de território dos povos indígenas, valorização da identidade e da cultura e, acima de tudo, tem promovido diálogos interculturais entre diferentes conhecimentos, saberes, valores e princípios cosmológicos dos povos originários do Brasil. Ofertam a Licenciatura Intercultural e Licenciatura em Pedagogia Intercultural com duração de 5 anos, Especialização Educação Escolar Indígena e o Mestrado de Ensino em Contexto Indígena Intercultural. ⁸
Brasil	Faculdade Intercultural	Faculdade Intercultural Indígena – FAIND instalada em 2012, um marco para a Universidade Federal da Grande Dourados e para o

⁶ Fonte: <http://unibolquechua.edu.bo/institucional/mision/>

⁷ Fonte: <https://www.servindi.org/node/43326>

⁸ Fonte: <http://portal.unemat.br/indigena>

	Indígena – FAIND/Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) – Mato Grosso do Sul	Movimento dos Professores Guarani e Kaiowá. O ano 2002 marcou a primeira ação em favor da comunidade indígena com a criação do curso de formação superior específica para professores Guarani e Kaiowá, iniciativa do Movimento de Professores da primeira turma do Curso Normal em Nível Médio "Formação de Professores Guarani e Kaiowá – Ára Verá" (espaço/tempo iluminado), organizado pela Secretaria de Estado de Educação e Mato Grosso do Sul e comunidades indígenas dessas etnias. As organizações Guarani e Kaiowá, juntamente com profissionais da área da Educação, Universidades (UFMS, UCDB, UEMS, UFRR, UFMT), Secretarias Municipais de Educação, FUNAI, MEC e políticos locais e com os professores Guarani e Kaiowá), vêm orientando o perfil do curso e construindo um diálogo de respeito na definição de novos conhecimentos e de novas áreas de estudo. Ofertam a Licenciatura Intercultural Indígena "Teko Arandu" e Licenciatura em Educação do Campo "LEDUC" e de pós-graduação o de Educação e Territorialidade. Reforçam sua missão de promover uma educação inclusiva abrindo oportunidades para jovens indígenas e moradores de assentamentos e comunidades rurais, contribuindo para o desenvolvimento social dessa população. ⁹
Brasil	Universidade Paiter a Soeixawe	Os Paiter durante anos e até hoje vêm procurando meio estratégico, buscando conhecimento e seus direitos e assim fortalecer sua identidade e honrando a luta dos antepassados, pensando no presente e futuro. Assim nasceu a Universidade Paiter a Soeixawe que tem como objetivos, promover o ensino superior e demais ensinos, em todas as suas modalidades, inclusive na área profissional e tecnológicas, estimulando a pesquisa tradicional, a pesquisa científica e a extensão de serviço à comunidade, sempre em conjunto com o fortalecimento da língua tupi monde Surui erudita. O sonho se torna realidade a partir de 2015 em parceria com a UNICAMP, que ajuda e auxilia na criação da UNIPAITER ¹⁰

Fonte: Os autores (2022) a partir das informações das instituições apresentadas

Percebe-se que as universidades e faculdades se aproximam no que tange a educação indígena intercultural: a luta de indígenas, indigenistas e movimentos sociais, marcadas por diálogo de saberes, visibilidade das mais diversas etnias, suas vivências e resistências, suas questões com o território, a língua, as demandas de cada povo, os cursos mais pertinentes para seu conhecimento e ações.

Contam quando possível com alinhamento de políticas públicas de ações afirmativas, em alguns casos que agregam parcerias com outras universidades e/ou instituições, enfim uma conjunção de fatores e atores envolvidos. Ao mesmo tempo que trazem à tona a visibilidade dos povos indígenas, abrem caminho para processos ancorados nos princípios do Bem Viver. Nas palavras de Céspedes Choquehuanca

⁹ Fonte: <https://portal.ufgd.edu.br/faculdade/faind/index>

¹⁰ Fonte: https://pt.wikiversity.org/wiki/UNIPAITER/I_Soeixawe; <https://www.youtube.com/watch?v=AKJvNJIWi74>

(2010, p.13 tradução nossa), ex Ministro de relações Exteriores do Estado Plurinacional da Bolívia:

Começamos a fazer nossa própria educação, ou melhor nossa própria comunicação, a partir do aprendizado que sempre temos dado aos nossos filhos em nossas comunidade a partir das práticas e responsabilidades comuns e sociais, aprendizagem comunal através da qual criamos energia comunitária e aprendemos no trabalho diário, nessa escola social que é a comunidade, que não podemos viver fora da vida comunal. Mais que educação, recuperemos nossa própria comunicação entre pai e filho, entre alunos e professores.¹¹

Todavia, cada uma dessas universidades e faculdades guardam suas especificidades, algumas contam com apoio governamental em dado momento; a maioria das instituições são públicas, mas uma é identificada privada, os cursos são diversos e pretendem atender a demanda/necessidade/interesse de cada povo. Enfim, percebe-se nos casos analisados a interface com o Bem Viver no que tange a interculturalidade, pluralidade, pertencimento, harmonia, reciprocidade, comunidade, troca de saberes, enfim vivência com o Todo, com a *Pacha* entre vários outros aspectos já destacados.

3 METODOLOGIA

A metodologia ancorou-se na pesquisa qualitativa de cunho exploratório/descritivo, bibliográfico e documental, na perspectiva crítica decolonial, da pesquisa social e da abordagem interdisciplinar, contando com levantamento em artigos, livros, dissertações e teses, nos idiomas português e espanhol. Levantou-se questões ecossocioambientais, educacionais e políticas a partir da articulação entre elementos teóricos e metodológicos no viés contra hegemônico e decolonial. A respeito da pesquisa qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais

¹¹ Comencemos a hacer nuestra propia educación, o más bien nuestra propia comunicación, a partir del aprendizaje que siempre hemos dado a nuestros niños en nuestras comunidades a partir de las prácticas y responsabilidades comunales y sociales, aprendizaje comunal por medio del cual creamos energía comunal y aprendemos en el trabajo diario, en esa escuela social que es la comunidad, que no podemos vivir fuera de la vida comunal. Más que educación, recuperemos nuestra propia comunicación, fortalezcamos la verdadera comunicación entre papá e hijo, entre alumnos y profesores.

profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2001, p. 21).

Trata-se de uma pesquisa de Doutorado, sem financiamento. Procurou-se ainda evidenciar por meio de revisão teórica crítica nos temas: diálogos decoloniais, bem viver, ecoeducação, educação intercultural e complementar a pesquisa a partir de apresentação de experiências de universidades e faculdades interculturais indígenas nos países da América Latina - Brasil, Bolívia e Equador, considerando as propostas nas Constituições de cada um.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perspectiva do Bem Viver como proposta decolonial foi dialogada e analisada apresentando a experiência de Universidades e Faculdades interculturais indígenas refletindo na vertente da convivência em harmonia, direitos da natureza, trocas de saberes interculturais, lembrando e considerando ainda que o B.V é um conceito em construção.

Experiências expressivas de educação como a das Universidades e Faculdades interculturais indígenas demonstram a possibilidade de aproximações, de imersões e desconstruções. Neste contexto, faz-se necessário e mostra-se possível neste cenário o Estado pensar e/ou fortalecer na atuação do Poder Público para a criação de mecanismos e políticas públicas inclusivas pautadas em perspectivas outras que valorizem as alteridades em suas especificidades e caminhe para um lugar mais justo, equitativo no viés contra hegemônico.

Estas experiências na prática contribuem para reflexões, diálogos, visibilidade e respeito aos povos originários e as comunidades tradicionais e a concepção do Bem Viver e alternativas sistêmicas que visam corroborar para caminhos de mudanças de rumo, reconhecendo e respeitando os Direitos Humanos e Direitos da Natureza.

A colonialidade do poder com a dominação, consumo desenfreado, com a exploração, continua presente, fazendo ainda estragos, trazendo degradação, exploração e desrespeito ao mundo, especialmente aos povos originários e as comunidades tradicionais, dessa maneira é um ato de resistência a permanência e luta na possibilidade e sonho por mudanças. O Bem Viver é o viver em plenitude,

demonstrando o equilíbrio e respeito com o Todo, com a *Madre Tierra*, em busca de um novo modelo civilizatório.

Finalmente percebe-se que um diálogo integrado perpassando pela decolonialidade, interculturalidade, interdisciplinaridade e complexidade levam ao Bem Viver, que embora considerado uma utopia ou inalcançável e desafiante para a sociedade capitalista, todavia compreendido e mantido na cosmovisão dos povos indígenas.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. **El Buen Vivir en el camino del postdesarrollo**: una lectura desde la Constitución de Montecristi. Friedrich Ebert Stiftung. Policy Paper, 2010.

ACOSTA, A. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária. Elefante, 2016.

ALCÂNTARA, L. C. S.; SAMPAIO, C. A. C. Bem Viver: uma perspectiva (de)colonial das comunidades indígenas. **Revista Rupturas**, Costa Rica, 2017a.

ALCÂNTARA, L. C. S.; SAMPAIO, C. A. C. Bem Viver como paradigma de desenvolvimento: utopia ou alternativa possível? **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 40, abr. 2017b.

ALCÂNTARA, L. C. S.; SAMPAIO, C. A. C. **Indicadores de Bem Viver**: desafios para uma ética socioambiental, 2018.

ALCÂNTARA, L. C. S.; SAMPAIO, C. A. C. Indicadores de Bem Viver: pela valorização de identidades culturais. **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Paraná, vol.53, p.78-101, jan./jun., 2020.

BANIWA, A. F, 1971. BANIWA, A. F; VIANNA, J. J. B; IUBEL, A.F. (orgs). **Bem Viver e viver bem**: segundo o povo Baniwa no noroeste amazônico brasileiro. Curitiba: Ed. UFPR, 2019.

BOFF, L. **Constitucionalismo ecológico na América Latina**. Disponível em: <http://leonardoboff.wordpress.com>. 2013. Acesso em: 24 maio 2021.

BOFF, L. **Sustentabilidade**: o que é: o que não é. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

BOLÍVIA. Asamblea Constituyente de Bolivia. **Nueva Constitución Política del Estado**. Congreso Nacional, Octubre 2008.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Organizado por Cláudio Brandão de Oliveira. Rio de Janeiro: Roma Victor, 2002. 320 p.

CÉSPEDES, CHOQUEHUANCA D. **Sumak Kawsay**: recuperar el sentido de vida. America Latina en movimiento. Alai, 2010.

DOMINGOS, A./NINHPRYG. **O BEM VIVER KAINGANG**: Perspectivas de um modo de vida para construção de políticas sociais com os coletivos indígenas. Trabalho de Conclusão de Curso – Instituto de Psicologia, Curso de Serviço Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. NINHPRYG

ECUADOR. **Plan Nacional de Desarrollo 2017-2021**: Toda una vida. Quito: Secretaría Nacional de Planificación y Desarrollo, 2017.

ECUADOR. Asamblea Constituyente. **Constitución del Ecuador**. s.l. s.e. s.d.

ECUADOR. **Plan Nacional de Desarrollo / Plan nacional para el buen vivir 2009-2013**. Quito: Secretaría Nacional de Planificación y Desarrollo, 2009.

CONFEDERAÇÃO DE NACIONALIDADES INDÍGENAS DO EQUADOR – CONAIE. Disponível em: <https://conaie.org>. Acesso em: 29 mar. 2022.

FACULDADE INDÍGENA INTERCULTURAL/UFGD. Disponível em: <https://portal.ufgd.edu.br/faculdade/faind/index>. Acesso em: 28 mar. 2022

FACULDADE INTERCULTURAL INDÍGENA/UNEMAT. Disponível em: <http://portal.unemat.br/indigena>. Acesso em: 28 mar. 2022.

GUDYNAS, E.; ACOSTA, A. La renovación de la crítica al desarrollo y el buen vivir como alternativa. **Utopía y Praxis Latinoamericana**, v. 16, n. 53, 2011.

HIDALGO-CAPITÁN, A. L. **El Buen Vivir – la (re)creación del pensamiento del PYDLOS**. Universidad de Cuenca, 2012.

HIDALGO-CAPITÁN, A. L.; CUBILLO-GUEVARA, A. P. Deconstrucción y genealogía del “buen vivir” latinoamericano. El (trino) “buen vivir” y sus diversos manantiales intelectuales. **International Development Policy**, 2017.

JUNQUEIRA, R. S. ECOEDUCAÇÃO: um desafio permanente. **Revista Diálogo Educacional** - v. 1 - n.2 - p.1-170 - jul./dez. 2000.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, A. Org. Bruno Maia. **Caminhos para a Cultura do Bem Viver**. Semana do Bem Viver da Escola Parque do Rio de Janeiro, no dia 17 de junho de 2020.

LATOUCHE, S. Tradução de Maíra Albuquerque. *Revista Estudos de Sociologia, Rev. do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE*, v. 16, n. 2, p. 217 – 230, 2010.

LEFF, H. **Complexidade, interdisciplinaridade e saber ambiental**. Ponta Grossa: Olhar de Professor, vol. 14, núm. 2, 2011, p. 309-335, 2011.

LEFF, E. **Aventuras da Epistemologia ambiental: da articulação das ciências ao diálogo de saberes**. São Paulo: Cortez, 2012.

MAX-NEEF, M. A. **Desarrollo a Escala Humana: conceptos, aplicaciones y algunas reflexiones**. Barcelona: Icaria, 1993.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2001.

MIGNOLO, W. **Histórias locais, projetos globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

MIGNOLO, W. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

OLIVEIRA, *et al.* Alternativas ao desenvolvimento econômico: diálogos na perspectiva do Bem Viver e dos Povos e Comunidades Tradicionais. **Desenvolvimento Em Questão**. v. 20, n. 58, maio 2022. Acesso em: 04 out. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.21527/2237-6453.2022.58.11839>

QUIJANO, A. "Colonialidad y modernidad/racionalidad". **En Los conquistados. 1492 y la poblacion indigena de las Americas**. En Bonilla, H. (Comp.) Quito: Tercer Mundo-Libri Mundi editores, 1992.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

PLURIVERSIDAD AMAWTAY WASI. Disponível em: <https://amawtaywasi.org>. Acesso em: 28 mar. 2022.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **Pela vida, pela dignidade e pelo território: um novo léxico teórico político desde as lutas sociais na América Latina/Abya /Quilombola**. *Polis*, 41, 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/polis/11027>. Acesso em: 26 mar. 2022.

SACHS, I. **Rumo à ecossocioeconomia: teoria e prática do desenvolvimento**. Paulo Freire Vieira (org.). São Paulo: Cortez, 2007.

SAMPAIO, C. C. S. *et al.* Good living for the next generation: between subjectivity and common good from the perspective of eco-socio-economy. Bem viver para a próxima geração: entre subjetividade e bem comum a partir da perspectiva da ecossocioeconomia. **Saúde e Sociedade**, v. 26, n. 1, p. 40-50, 2017.

SANTOS, B. de S. **A universidade no século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SANTOS, B. de S. **Para além do pensamento abissal**: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. Epistemologias do sul. São Paulo: Cortez, 2010.

SEN, A. **Desenvolvimento como Liberdade**. Tradução de Laura Teixeira Motta. Ed. Companhia das Letras, São Paulo SP, 2010.

SPIVAK, G. C., 1942. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SOLÓN, P. (org). **Alternativas sistêmicas**: Bem Viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização. Tradução de João Peres. Coletivo 660. Editora Elefante, 2019.

UNIVERSIDAD AYMARA. Disponível em: <https://www.servindi.org/node/43326>; <https://pt.globalvoices.org/2015/06/16/estudantes-raizes-comunidades-nativas-universidade-boliviana-de-indigenas-aymara/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

UNIVERSIDAD INDIGENA BOLIVIANA COMUNITARIA INTERCULTURAL PRODUCTIVA QUECHUA – UNIBOL QUECHUA. Disponível em: <http://unibolquechua.edu.bo/institucional/mision/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

UNIVERSIDAD INDÍGENA BOLIVIANA COMUNITARIA INTERCULTURAL PRODUCTIVA GUARANÍ Y PUEBLOS DE TIERRAS BAJAS “APIAGUAIKI TÜPA”. Disponível em: <https://www.servindi.org/node/43326>. Acesso em: 28 mar. 2022.

UNIVERSIDADE PAITER A SOEITXAWÉ - UNIPAITER. Disponível em: https://pt.wikiversity.org/wiki/UNIPAITER/I_Soeitxawe; <https://www.youtube.com/watch?v=AKJvNJIWi74>. Acesso em: 28 mar. 2022. Disponível em: <https://www.servindi.org/node/43326>. Acesso em: 28 mar. 2022.

WALSH, C. **Interculturalidad, estado, sociedad**: luchas(de)coloniales de nuestra época. Primera edición. Universidad Andina Simon Bolivar / Ediciones Abya-Yala, Quito, 2009.

WALSH, C. “Desenvolvimento como Buen Vivir: Acordos institucionais e (de) envolvimentos coloniais”. **Desenvolvimento**, 53 (1), 15–21, 2010.

WALSH, C. Pedagogias decoloniais: práticas insurgentes derresistir, (re)existir e (re)vivir. Tomo I. **Série Pensamiento decolonial**, 2012.

WALSH, C. Interculturalidade e decolonialidade do poder um pensamento e posicionamento "outro" a partir da diferença colonial. **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas (UFPeI)**, v. 05, n. 1, Jan.-Jul, 2019. <https://doi.org/10.15210/RFDP.V5I1.15002>.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento à Universidade do Estado do Mato Grosso – UNEMAT, mais especificamente ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais – PPGCA que dão apoio e suporte para o desenvolvimento da pesquisa na temática exposta no artigo.

Agradecimento à Universidade Federal do Paraná – UFPR, por conceder licença a pesquisadora para desenvolvimento da pesquisa de doutoramento junto ao PPGCA/UNEMAT.

Agradecimento ao Grupo de Pesquisa Alternativas ao Desenvolvimento, Inovação e Sustentabilidade – GEPADIS/UFMT, pelos encontros, profícuos diálogos e trocas de saberes.

Recebido em: 10 de agosto de 2022.

Aprovado em: 30 de novembro de 2022.

Link/DOI: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/6460/7341>

ⁱDoutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA/UNEMAT, 2022), Mestre em Desenvolvimento Territorial Sustentável pela Universidade Federal do Paraná (UFPR, 2016). Integrante do Grupo de Pesquisa Alternativas ao Desenvolvimento, Inovação e Sustentabilidade – GEPADIS/UFMT e do Grupo de Pesquisa Território, Diversidade e Saúde - TeDiS/CNPq – UFPR e do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros NEAB/NEABI+ da UFPR.

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7108756348432453>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7971-2710>

E-mail: valeriaso238@gmail.com

ⁱⁱ Pós-doutora em Ecosocioeconomia e Bem Viver (PPGTU/PUCPR). Pós-doutorado em Bem Viver e Desenvolvimento à Escala Humana (UACH/Chile), Doutora em Desenvolvimento Regional (PPGDR/FURB). Professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA/UNEMAT). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Alternativas ao Desenvolvimento, Inovação e Sustentabilidade (GEPADIS/UFMT) e Integrante do Grupo de Pesquisa Análise Ambiental e Ecodesenvolvimento (FURB/SC); Grupo de Pesquisa Centro de Investigaciones sobre Diversidad Cultural y Estudios Regionales (CEDICER/Universidad de Costa Rica) e Grupo de Pesquisa Núcleo de Ecosocioeconomia (NEcos) da UFPR/PR.

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5051941963927036>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8502-720X>

E-mail: lilianecsa@yahoo.com.br

iii Doutor em Biologia da Conservação pela Universidade de Lisboa. Professor Associado da UFPA. Docente permanente nos Programas de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas e Antropologia da UFPA e Ciências Ambientais da UNEMAT. Presidente da Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia (SBEE). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (nível 2). Integrante do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Biodiversidade, Sociedade e Educação na Amazônia – BioSE/CNPq
Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4706140805254262>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6155-0511>
E-mail: flaviobb@ufpa.br